

A literatura de Caio Fernando Abreu como máquina de guerra

The Literature of Caio Fernando Abreu as a war machine

DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA¹, MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO²

^{1,2}Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Resumo: A máquina de guerra é um conceito criado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, que não tem relação com o poder bélico de um Estado, mas, sobretudo, é uma potência inventiva, imbricada em um nomadismo, capaz de fissurar as organizações da máquina estatal (sedentária), abalando suas estruturas, escapando dos sistemas dominantes, inventando linhas de fugas. O nômade, inventor da máquina de guerra, cria para si outros modos de habitar no mundo, inventa seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos. Nesta perspectiva, a intenção desta proposta é tencionar ressonâncias entre o conceito filosófico de máquina de guerra e a literatura de Caio Fernando Abreu. Parte-se do pressuposto de que a máquina de guerra compõe o elemento (des) arranjador de toda a obra do autor, uma verdadeira máquina literária que explode em linhas de fuga por todos os lados, declarando a guerra dos sexos, dos desejos, das sexualidades, das identidades.

Palavras-chave: máquina de guerra; Caio Fernando de Abreu; Deleuze e Guattari; literatura.

Abstract: The war machine is a concept created by the philosophers Gilles Deleuze and Felix Guattari, who has nothing to do with the military power of a State, but above all, it is an inventive power, imbricated in a nomadism, capable of fissuring the organizations of the machine state (sedentary), shaking its structures, escaping from the dominant systems, invented escape lines. The nomad, inventor of the war machine, creates for himself other ways of inhabiting the world, fashions his own territory, wandering on indefinite paths. The intention of this proposal is to consider resonances between the philosophical concept of war machine and the literature of Caio Fernando Abreu. It is assumed that the war machine composes the element (dis) arranger of all the author's work, a true literary machine that explodes in lines of escape on all sides, declaring the war of the sexes, the desires, the sexualities, identities.

Keywords: war machine; Caio Fernando de Abreu; Deleuze and Guattari; literatura.

Escritura I: Abertura

Este artigo tenciona ressonâncias entre o conceito deleuze-guattariano de máquina de guerra e a literatura de Caio Fernando Abreu. Parte-se do pressuposto de que a máquina de guerra compõe o elemento (des)arranjador de toda a obra do autor, uma verdadeira máquina literária que explode em linhas de fuga por todos os lados, declarando grito de guerra dos sexos, dos desejos, das sexualidades, das identidades.

Trata-se de uma leitura interpretativa, influenciada pela filosofia francesa contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os autores em questão utilizam diversas literaturas em suas obras para movimentar seus conceitos, extraíndo delas o que há de mais potente para fazer pensar. Com Deleuze e Guattari o que importa na literatura é a linguagem, como ela pode produzir zonas de intensidades; potencializar devires, fissurar o sentido das palavras. Não interessa aqui o aspecto léxico da obra, mas, sobretudo, o ritmo linguístico, o revolucionário, a gagueira que ela produz na língua, o povo que ela inventa.

As obras filosóficas de Gilles Deleuze são movimentadas por um intenso encontro com a literatura. O autor recorre a essa expressão artística para criar, inventar, deslocar e movimentar seus conceitos. No livro *“O que é filosofia?”* (2013), escrito em autoria com Félix Guattari, há uma diferenciação entre os três campos dos saberes: a arte, a ciência e a filosofia. Enquanto a arte, em especial para esta pesquisa a Literatura, trabalha com a criação de afectos e perceptos, a ciência opera com funções e a filosofia no trabalho conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

Entre os três campos não há hierarquia, nem sobreposição, mas intercruzamentos na medida em que os três são criadores. Quando o filósofo aciona a literatura é para tencionar ressonâncias e conexões, deslocar filosofia e a literatura, pois uma filosofia é, antes de tudo, movente e criadora. Assim, quando a filosofia aciona a literatura não é para exemplificar conceitos, tampouco legitimá-los “A ressonância entre elas se dá na medida em que um agregado sensível vindo da literatura provoca a criação de um conceito ou então quando o conceito filosófico mobiliza um bloco de afectos e perceptos” (BARBIERI, 2015, p. 10).

Deleuze e Guattari não fazem em suas obras conexões com a literatura de Caio Fernando Abreu, entretanto, o enredo ficcional da obra caiofernandeano apresenta toda uma potência para movimentar o conceito de máquina de guerra, à medida que seus escritos criam aberturas, zonas de intensidades, dentro e fora do espaço ficcional, desarranjando e desterritorializando as estruturas, as formas, as identidades, as categorias, potencializando as forças inventivas em favor de um novo olhar, outras formas de existência.

A máquina de guerra é um modo de resistência dos nômades primitivos para não se deixar capturar pelo Estado e todos os seus códigos sociais. É na resistência da máquina de guerra nômade a um modo institucional de conduzir a vida, criando novas chances existenciais, que encontramos ressonâncias com a literatura de Caio Fernando Abreu, pois mais do que sugerir uma militância ativa de denúncia às repressões sociais de um período ditatorial, os escritos caiofernandeanos produzem abalos nas linhas demasiadamente duras que engendram a vida, para movimentar

os seus personagens, arrastando com eles imprecisões, desejos e devires. O corpus ficcional, selecionado, compreende dois contos da obra *“Morangos Morfados”*, a saber: *“Terça-feira muito gorda”* e *“Sargento Garcia”*, os quais foram tomados como inspiradores, como fio vermelho à construção textual, como uma espécie de ar.

Escritura II: A máquina de guerra é um ato de resistência e criação e...

A máquina de guerra é um conceito criado pelo filósofo Gilles Deleuze em parceria com seu comparsa Félix Guattari, inaugurado na obra *Mil Platôs*. A noção de guerra empregada pelos autores em nada tem haver com o poder belicoso do Estado, seus soldados uniformizados, suas armas ou os seus tanques; a máquina de guerra não tem, necessariamente, por objeto, a guerra, pois esta surge como “objetivo segundo, suplementário ou sintético, no sentido em que está obrigada a destruir a forma-Estado e a forma-Cidade com as quais entra em choque” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15), ela é outra coisa, “um fluxo de guerra absoluta que escoia de um pólo ofensivo a um pólo defensivo e não é marcado senão por quantas (forças materiais e psíquicas que são como que disponibilidades nominais da guerra)” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15, v. 5).

O plano filosófico Deleuze-Guattariano em *Mil Platôs* é reclamar uma multiplicidade que se dará a partir de uma “exterioridade da máquina de guerra ao aparelho de Estado e sua relação com a multiplicidade, com aquilo que não se deixa aprisionar” (MARQUES, 2009, p. 25). O liame existente entre a máquina de guerra e o aparelho de Estado é a do interior e exterior, em outras

palavras, daquilo que ora se reduz (ou não) à soberania política do aparelho de Estado, visto que é a própria soberania quem define o Estado, ela “só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, apropriar-se localmente” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 23).

O aparelho de Estado, para garantir sua soberania, investe todo um esforço para interiorizar territorialmente a máquina de guerra, a qual está constantemente fabulando linhas de fugas para afirmar sua exterioridade e, “Devido à capacidade em agenciar linhas de fuga e conectá-las ao exterior, a máquina de guerra sofre constantes e, às vezes, bem sucedidos ataques de captura por parte do Estado” (CARNEIRO, 2007, p. 220).

Nessa perspectiva, máquina de guerra é bifurcada, tendo em vista sua ligação original com a guerra, em dois polos distintos. Em uma extremidade encontramos apropriada pelo Estado para “subordina-lhe a fins políticos e lhe dá por objeto direto a guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 23), uma linha de destruição, lutas e embates, no qual a guerra é institucionalizada e capturada; na outra está a máquinas de guerra nômade, incansável em sua tarefa de recusar a estrutura, a hierarquia e os modelos, uma guerra sem “derramamento de sangue” que “[...] não seriam definidas de modo algum pela guerra, mas por certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaçostempos” (CARNEIRO, 2007, p. 212). A guerra, portanto, não é reduzida ao momento da batalha, mas, a inibição de poderes estáveis.

A exterioridade da máquina de guerra em relação ao aparelho de Estado constitui dentro da obra o primeiro axioma “A

máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15), o qual será atestado por uma série de proposições¹.

Na primeira proposição acerca da exterioridade da máquina de guerra, os autores recorrem à mitologia, a fim de caracterizar a soberania do Estado como aquilo que se deixa prender a suas duas cabeças mitológicas, a do “Rei-mágico”, (correspondente a divindade “Varuna”) e a do “Sacerdote-jurista” (se equivale a divindade “Mitra”). Ambas fazem parte do aparelho de Estado, uma dupla de articulação, alternando-se, rivalizando-se e completando-se para garantir, através de leis ou ameaças, a dominação (ONETTO, 2008), portanto, o cumprimento das regras, normas, leis e prescrições são inerentes ao papel desempenhado pelo mago e o sacerdote, Varuna e Mitra, de modo que, nas palavras de Zordan (2014, p. 5) “os sujeitos do Estado pelas leis do estado se sintam salvaguardados da iminência de um ataque da máquina de guerra” (ZORDAN, 2014, p. 5). Todavia, a máquina de guerra não tem por intenção a batalha armada ou a defesa de um ataque, a máquina de guerra busca, antes de tudo, as travessias,

o percurso, o movimento livre pelo território.

Assim, a máquina de guerra irá surgir na figura do guerreiro Indra, opondo-se as duas divindades mitológicas do aparelho de Estado, suas ações estão para o efêmero, sempre pronto para a batalha, dispensando uma preparação prévia. Indra, guerreiro mítico, resiste à soberania do aparelho de Estado e suas duas faces mitológicas, interpondo-se entre ambas sem, entretanto, deixar-se capturar por nenhuma delas em sua “estupidez, deformidade, loucura, ilegitimidade, usurpação, pecado” (DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 18), porém, sem necessariamente implicar uma terceira condição ou uma alternativa.

Indra está na ordem do devir, da potência de metamorfose, circula pelas brechas, uma multiplicidade que acontece no interstício das cabeças mitológicas do Estado, nas fretas abertas, escavando trincheiras, buracos. E nessa perspectiva a máquina de guerra se faz exterior, justamente porque ela, assim como Indra, não se deixa reduzir à soberania do Aparelho de Estado e suas duas cabeças mitológicas de dominação.

A resistência e a criação são forças motrizes de uma máquina de guerra nômade para conjurar a formação do aparelho de Estado. Entre ambas não há uma relação de evolução, hierarquia ou causalidade. Uma sociedade de Estado é engendrada em codificações, normas, condutas, leis... O nômade resiste a todo esse sistema de massificação que busca o agrupamento e a ordem, criando seus próprios modos de existência. Criar um modo de vida que destoe do universal é um ato de resistência. Assim, é na resistência e na criação de modos de existência que encontramos ressonâncias entre a máquina

¹ **A) Pela mitologia, a epopéia, o drama e os jogos (Proposição I)** Esta proposição é destrinchada ao trazer para o texto algumas ideias de Georges Dumézil, um filólogo francês que estuda as mitologias indo-europeias, as quais apontam que a soberania política apresentava duas cabeças com oposições: rei-mago/sacerdote-jurista; Rex/flamen; Raj/Brahma; Rômulo/Numa; Varuna/Mitra; déspota/legislador; ceifeiro/organizador. Outro exemplo que Deleuze-Guattari adotam para comparar a máquina de guerra e o aparelho de Estado são os dois jogos: xadrez e Gó; **B) pela etnologia (proposição II)** Deleuze e Guattari trazem para dentro da obra Pierre Clastres, com o intuito de deslizar seus pensamentos sobre a formação do Estado; **C) pela epistemologia (proposição III)** A exterioridade da máquina de guerra é confirmada ainda pela epistemologia, que deixa pressentir a existência e a perpetuação de uma “ciência menor” ou “nômade”; **D) pela noologia (proposição IV)** Para Deleuze-Guattari a noologia não pode ser confundida com um plano ideal, mas, sobretudo, estudar as imagens que constituem o pensamento e seu processo histórico.

de guerra deleuze-guattariana e a literatura de Caio Fernando Abreu.

Escritura III: A literatura como máquina de guerra

Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo.

(CAIO FERNANDO ABREU, 2015)

A máquina de guerra é esse agenciamento produzido e operado pelas linhas de fugas. Uma máquina de guerra pode ser muito mais artística do que propriamente uma batalha sangrenta. A arte e suas variações voláteis, em especial a literatura, produzem forças, desejos que movimentam a máquina de guerra, alisando o território estriado. A literatura pode ser uma máquina de guerra, isto porque nem toda máquina de guerra é substancialmente criadora, ela também pode ser máquina de morte e destruição quando capturada pelas forças do Estado, ou seja, nem toda literatura é criadora, ela também pode ser uma literatura de Estado ou uma literatura maior (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Deleuze e Guattari (1997) dirão que existem literaturas cuja única função é representar as histórias universais. Essas, não interessam aos autores, mas as *literaturas menores*, as quais não buscam o modelo, o universal, mas possibilidades de fugir dele. Uma literatura que *desterritorialize a língua oficial*, subvertendo a realidade, desintegrando o real, nos faz escapar, buscar o novo. Na literatura menor tudo é *político* na medida em que desterritorializa grupos minoritários, marginalizados, ressoa vozes distintas, nômades, nela caso individual é necessário e indispensável. O próprio ato de existir é um ato político e revolucionário, o *valor é coletivo*, isto é, o

interesse não reside unicamente no artista, ela toma conta de toda uma comunidade, inventa um povo (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Tomamos aqui a literatura de Caio Fernando Abreu como uma verdadeira máquina de guerra ao modo Deleuze-Guattariana. De fato, os escritos (auto) ficcionais do autor demarcam uma textualização histórica relacionada ao período de repressão, intolerância e violência da ditadura militar, bem como, também, o desconforto dos seus personagens frente as normatizações que lhes são impostas e o seu posicionamento político de resistência, fundada na busca incansável por criar novas possibilidades de relacionamento consigo e com o outro, o que por si só demarca esse lugar de resistência nas suas obras.

Contudo, demarcar situações de descontentamento e as problemáticas sociais não é de todo suficiente para aduzir a literatura de Caio Fernando Abreu como máquina de guerra; é preciso, antes de tudo, ver em que medida a resistência produz abalos nos sistemas de organização social, criando linhas de fugas inventivas, povoando o deserto a vida de n' possibilidades. Para isso, antes se faz imprescindível destacar a concepção de política da literatura aqui adotada, a qual encontra inspiração nas ideias de Rancière (2007, p. 70):

A política da literatura diferencia-se do engajamento dos escritores ao serviço de uma causa e da interpretação que as suas ficções podem dar das estruturas sociais e dos conflitos políticos. A política da literatura supõe que a literatura aja, não propagando ideias ou representações, mas criando um novo tipo de "senso comum", reconfigurando as formas do visível comum e as relações entre visibilidade e significações. Esta política é, pois, consubstancial a um estatuto da

escrita, ao seu modo de se posicionar, à forma de experiência sensível que ela relata, ao tipo de mundo comum que ela constrói com os que lêem.

A política da literatura (auto)ficcional de Caio Fernando de Abreu ocupa um lugar de obstinada resistência, não por exercer uma militância, um engajamento, uma causa ou denúncia ao sistema asfixiante do regime militar e seus abusos de poder, mas “por sua capacidade de criar aberturas dentro e fora do espaço ficcional, de desestabilizar visões demasiado conservadoras, que não se limitam às configurações sócio-históricas figuradas” (FOSTER, 2015, p. 85).

É nesse movimento de criação de um novo olhar que reside toda a potência para pensar os escritos caiofernandeanos como máquina de guerra, na medida em que eles ativam a criação de linhas de fugas que escavam trincheiras em um território estriado deixando vazar outros modos de existência.

A máquina de guerra literária caiofernandeano opera desarranjando as formas de organizações e as relações socialmente construídas, produzindo possíveis abalos no corpo e no pensamento. Ela é uma criação de agenciamentos, mais do que sugerir uma militância ativa, embate entre posições polares e antagônicas, a máquina de guerra literária cria saídas, movimentos, linhas de fuga, um novo olhar, multiplicando e proliferando vidas no deserto e afirmando as potências da vida, pois nas palavras de Deleuze e Guattari (2013, p. 109) “um movimento artístico, científico, ‘ideológico’, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento”.

Escritura IV: O Nômade é o inventor da máquina de guerra

Deleuze e Guattari (2013) anunciam que a máquina de guerra é uma invenção nômade, uma forma de escapar do sistema de dominação estatal, um ato político de resistência, lutas travadas em meio ao deserto da vida para não se deixar aprisionar pelos grandes grupos populacionais e suas teias políticas centralizadoras, que visam somente a unidade.

O modo de vida nômade dos antigos primitivos inspirou Deleuze e Guattari na criação do conceito de máquina de guerra. O nômade primitivo estava sempre em movimento, de um ponto a outro, sem deixar de ignorá-los, “ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53) ocupando um espaço aberto, sem destinos. O trajeto do nômade não é linear, ele não se deixa estratificar em um território “o trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53).

O nômade resiste, habita o meio, transita fora dos muros da cidade, de um ponto a outro, tornando o espaço um campo de intensidades, fluxos e matérias pré-formadas. No duplo movimento de entrar e sair, de habitar o dentro e o fora, reside a resistência nômade ao modo de vida sedentária do aparelho de Estado, uma resistência fundada na criação de um modo de vida nômade, que não responde aos comandos do aparelho de Estado, suas leis, seus sistemas educacionais e seus códigos sociais disciplinares.

O caloroso convite deleuze-guattariano é para, assim como os nômades primitivos, criarmos nossas próprias máquinas de guerra nômades. Os autores, porém, nos advertem que não é possível retornar às semióticas do nômade primitivo, pois é nessa sociedade que mendiga identidades, leis e territórios que precisamos nos movimentar, criar linhas de fuga criadoras, escapar das unidades, das amarras sociais, para criar um modo de existência que está sempre aberto a experimentação.

Deleuze e Guattari (2013) explicam que o Estado é um *Urstaat*, ele é original, surge apenas uma vez, inclusive, está presente nas sociedades primitivas, o que interessa para esses autores é o próprio liame existente entre o Estado e estas sociedades que, mesmo fazendo parte dele, não lhe pertencem por natureza, estão em uma relação com o fora. O fora aqui colocado não se traduz a partir de um exterior, mas, sobretudo, está ligada a uma multiplicidade que o Estado não é capaz de dominar ou ser-lhe soberano (FERREIRA, 2014). Um fora que pode ser tanto máquinas mundiais como, também, de “mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos das sociedades segmentárias contra os órgãos de poder do Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 23).

Nos escritos (auto)ficcionais de Caio Fernando de Abreu os personagens são verdadeiras potências nômades, inventam suas próprias máquinas de guerra. Eles habitam um território estriado, marcado pelo autoritarismo do regime militar, porém, em suas vidas há sempre uma luta, uma batalha, um enfrentamento para alisar esse espaço, tornando-o um campo de intensidades, devires, experimentação e transgressão do que está posto, ainda

que sejam penalizados pelo sistema social, como acontece nos contos “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”.

Nestes contos, os personagens, homens, experimentam seus corpos e suas sexualidades para além dos padrões socialmente construídos, sem, entretanto, demarcar um lugar ou uma identidade. Percebe-se que algumas nomenclaturas como homossexualidade, heterossexualidade, gays, utilizadas rotineiramente para definir um comportamento sexual nas literaturas universais, são esvaziadas das escrituras de Caio Fernando Abreu, para dar lugar às intensidades dos afetos, pois as relações com o outro não respondem as leis sociais, elas são movimentadas a partir da potência daquele encontro, daquilo que o outro provoca e é provocado, arrastando o corpo e a vida para outros planos existenciais.

No conto “Terça-feira Gorda”, o narrador coloca em cena o encontro que teve com um homem em uma tarde de carnaval: “De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Olhava-me nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também” (ABREU, 2015, p. 73). Os personagens emitem signos, há um jogo de sedução, são olhares, gestos, movimentos, uma dança dos corpos, toda uma linguagem corporal:

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo (ABREU, 2015, p. 74).

Uma atmosfera toma conta do ambiente: dois corpos, música, movimento, dança e desejo, instantes de segundo. O encontro é marcado pelo silêncio. Somente o corpo fala, uma linguagem do corpo, movimento antes das palavras, afinal o que poderiam elas dizer? Aqueles olhares, corpos suaves, marcados por músculos definidos, corpos suados, cabelo molhado, gestos lentos, piscados, gestos rápidos, sorrisos, uma dança das marés... Um convite a uma aproximação afetiva. Convite aceito!

O desejo de sentir as vibrações daquele corpo esvaziou as identidades e suas cargas discursivas, pois, nas palavras do narrador, tratava-se de “apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também” (ABREU, 2015, p.74), porém, o olhar da multidão ainda preocupava o narrador:

Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval (ABREU, 2015, p.76).

Caio Fernando Abreu demonstra um cuidado em demarcar os contextos repressivos da época. Trata-se, se não, de um exercício político e revolucionário em sua literatura, porém é na criação de outros existenciais, para além de uma identidade, que reside sua máquina de guerra literária. Os personagens, ainda que asfixiados pelos regimes socialmente definidos como padrão, são violentamente arrastados para a experimentação da vida:

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos (ABREU, 2015, p.77).

Como os nômades, os personagens transitaram pelo território estriado do aparelho do Estado, um território marcado pelos códigos sociais, escavando neles buracos, fendas, para dar vazão à criação de um modo de existência, mesmo que seja punido por isso, como assim termina o conto “Terça-feira Gorda”:

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 2015, p. 77-78).

A relação amorosa entre os personagens termina com atos violência das pessoas que transitavam pelo local, um desconforto do outro em relação a um modo de existência. Caio Fernando opera toda uma denúncia aos sistemas vigentes de repressão social, mas, enquanto máquina de guerra, as denúncias sociais são apenas um dos elementos de resistência da literatura deste autor. Os encontros na literatura de Caio Fernando Abreu são sempre intensivos, marcado pelo acaso, pelo efêmero, traçados nas linhas afetos e forças intensivas, que colocam os personagens em outro campo de perspectiva, nem eles próprios sabem, mas ao entregarem os seus corpos à experimentação do outro e de si mesmo, também, entregaram suas vidas ao incerto.

Escritura V: A máquina de Guerra e seu aspecto espacial-geográfico

O nômade, inventor da máquina de guerra, cria para si outros modos de habitar o mundo, inventando seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos, de um ponto a outro em um espaço geográfico, agregando elementos aritméticos característicos da máquina de guerra, valendo-se de armas afetivas, eis, portanto, os três aspectos dessa máquina de guerra nômade: um aspecto espacial-

geográfico, um aspecto aritmético ou algébrico e, um aspecto afetivo.

O movimento tracejado pelo nômade é a primeira característica da máquina de guerra, seu aspecto espacial geográfico. Ao longo do livro *Mil platôs* (2013), Deleuze e Guattari explicitam um modo de vida do aparelho de Estado, uma existência voltada para o sedentarismo e a estratificação no território, como consequência da oferta de recursos (água, alimento, energia...). O sedentário possui uma relação de propósito com o território, ao passo que na vida nômade, ao contrário, esses recursos só existem para serem abandonados e estão ligados aos trajetos que mobilizam a vida nômade “o ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53).

Os caminhos percorridos entre ambos, *sedentários x nômade*, possuem funções completamente distintas. Enquanto no sedentarismo o trajeto consiste em distribuir os homens num *espaço fechado*, regulado e atribuído, o nômade distribui os homens (ou animais) num *espaço aberto*, indefinido e não comunicante, uma distribuição sem fronteiras. Enquanto o espaço do sedentário é estriado, o nômade desliza por um espaço liso, sem traços, sem muros ou fronteiras.

A máquina literária caiofernandiana opera sempre por deslocamentos, o movimento é sempre iminente, sem necessariamente está ligado à locomoção do corpo entre cidades, estados, bairros..., embora também o faça como forma de buscar outras experimentações, o movimento também acontece no pensamento. Seus personagens são desterritorializadores por excelência, até fixam no território, mas somente para extrair daquele espaço as

experimentações do corpo, as cores, os sons, os devires, logo partem para outras experiências, outros espaços, outros mundos.

Foster (2011, p.18) faz uma leitura semelhante da obra caiofernandiana:

Seus personagens estão sempre em deslocamento. “Esse movimento pode efetuar-se de modo lento ou rápido, curto ou longo, calmo ou frenético, embora, no mais das vezes, corresponda à segunda de todas essas alternativas. Mas não se trata apenas de deslocamento físico, embora esse ocorra inúmeras vezes, entre locais ou no mesmo local. Os personagens de Caio como os nômades de Deleuze estão sempre em movimento, mesmo parados. Mesmo quando imóveis, há sempre um trajeto trilhado por eles, na busca de si mesmo ou do outro, e de si mesmo no outro.

No conto “Sargento Garcia”², os personagens fissuram os códigos sociais e tradicionais do amor romântico arrastando seus corpos para a experimentação de um sexo que foge do tradicional. O encontro fortuito entre os corpos de Hermes e o sargento Garcia é irradiado por uma troca de signos, entre os personagens, que inicia ainda no carro a caminho da pousada:

Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. “Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas”. Meu

primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia (ABREU, 2015, p. 123).

Aquilo tudo era novo para o jovem, “Nunca Fiz isso” (ABREU, 2015, p. 123) dispara Hermes ao seu destinatário, sargento Garcia, o qual irradiado por uma estranheza o questiona, “Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagenzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem” (ABREU, 2015, p. 123), diante da resposta negativa, Garcia se oferece para ensinar o rapaz, o convite é prontamente aceito por Hermes:

Traguei fundo. Uma tontura me subiu pela cabeça. De dentro das casas, das árvores e das nuvens, as sombras e os reflexos guardados espiavam, esperando que eu olhasse outra vez direto para o sol. Mas ele já tinha caído no rio. Durante a noite os pontos de luz dormiam quietos, escondidos, guardados no meio das coisas. Ninguém sabia. Nem eu. – Quero – eu disse (ABREU, 2015, p. 124)

Hermes é pura intensidade, sempre aberto à experimentação das potências criadoras de existências em meio ao deserto da vida, mas é com o sargento Garcia que podemos ver como a máquina de guerra, e sua resistência ao modelo instituído, criam fissuras em um aparelho de Estado, mesmo estando imbricada nele. Garcia era um militar ligado a um contexto de autoritarismo e machismo excludente. Território fechado, marcado pelo uno e o idêntico. Nele as singularidades não encontram forças de vida. É preciso alisar o espaço,

² O narrador Hermes nos conta que, no dia de sua apresentação ao serviço militar obrigatório, foi dispensado por ser arrimo de família. Porém, no caminho de volta para casa, foi abordado pelo sargento que o dispensara e recebeu um assédio sexual descarado da autoridade. Eles vão a um hotel, mas Hermes não se deixa penetrar. Mas o sargento tem um orgasmo sobre o rapaz. Hermes foge assustado e decide que começará a fumar no dia seguinte.

torná-lo intensivo, afetivo, territorializá-lo e desterritorializá-lo, resistir aos modos de dominação, sem necessariamente implicar uma luta armada, antes deslizar pelo território, como um nômade, extraindo o que há de mais potente para experimentar o corpo e suas forças.

No encontro amoroso com Hermes, Garcia fissa a imagem do militar, coloca-a em deriva, em nome de criação de um modo de vida outro, uma vida que está em trânsito, movimentada pelos encontros, neles os personagens se alimentam um do outro, extraindo as sensações, os amores, as paixões, lançando-se no mar das incertezas.

Todavia, a desterritorialização é o princípio motriz do nômade. Se ele territorializa no território é para extrair as potências de vida, mas o abandono vem em seguida. Garcia e Hermes, como verdadeiros nômades, não se deixam estratificar nesse espaço confortável do amor romântico, da experiência amorosa extraíram o que de mais potente aquele encontro pode ofertar, para, então, retornar o percurso, pois é no caminho que o nômade faz sua morada.

O encontro entre os personagens é marcado pelo efêmero, cada um segue seu caminho, seu próprio trajeto, sem trocarem nomes, telefones ou endereços, um futuro certo, a única certeza que ficou é que não eram mais os mesmos, aquelas experiências os levarão a outros mundos possíveis, tracejar novos caminhos, novas possibilidades de existência.

Escritura VI: A máquina de guerra tem uma ciência nômade

A exterioridade da máquina de guerra em relação ao aparelho de Estado se deve,

em parte, à existência de uma ciência nômade ou menor em oposição à ciência sedentária ou régia do Estado. A ciência nômade opera por meio de um modelo hidráulico, nele o que interessa são os fluxos, os devires, a heterogeneidade, opondo-se ao modelo sólido do aparelho de Estado, uma vez que este se preocupa em construir o idêntico, o eterno, o estável. A ciência régia busca estabelecer uma verdade (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

Para além do modelo sólido do Aparelho de Estado, as escrituras caiofernandianas não têm compromisso com a representação, à unidade ou o homogêneo. Seus contos não fazem alusão aos romances universais com as suas identidades, ao contrário, os seus escritos ascendem sempre a uma ciência nômade, hidráulica, por onde escorrem os fluxos, as cores, os sons, os devires, os desejos... em favor de uma heterogeneidade que potencializa a vida.

Quando Caio Fernando Abreu nos apresenta o encontro amoroso entre dois homens em uma noite de carnaval no conto “Terça-feira Gorda” ou narra a primeira experiência sexual do jovem Hermes com outro homem no conto “Sargento Garcia”, não se trata de contar as suas experiências, pois “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, p.12), busca-se, antes de tudo, afirmar uma multiplicidade de vida que está para além do binarismo biológico da ciência régia, inventar um povo, colocar a língua em deriva. A vida se dá nos contos caiofernandeanos na ordem do heterogêneo, cortes de fluxos, intensidades, forças que os arrastam, forças que nem mesmo seus personagens entendem, e nem assim o querem, não há uma intenção de interpretar, mas experimentar.

Mais do que indicar um caminho, uma verdade, uma resposta, o esforço da máquina literária de Caio Fernando Abreu é sempre inventar problemas, movimentar o pensamento, isto porque a ciência nômade possui um modelo problemático que é “afetivo e inseparável das metamorfoses, gerações e criações na própria ciência” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p.26), ao passo que a ciência de Estado “modelo teoremático” de ciência, isto é, “baseado numa racionalidade pressuposta, para a qual os problemas não passam de obstáculos a serem superados rumo ao elemento essencial” (ONETO, 2008, p.147).

A literatura de Caio Fernando Abreu não busca reproduzir através de modelos engessados, sem alterações. Sua intenção é percorrer um movimento intensivo, descodificando-se, agitando-se diante das singularidades que escapam, não empedrando suas invenções, mas “seguir um fluxo num campo de vetores, onde singularidades se distribuem como outros tantos acidentes (problemas)” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p.42). Criar problemas antes de estabelecer verdades, o coletivo antes do individual, este é todo o esforço da máquina de guerra caiofernandeano.

Escritura VII: deslizamentos

As linhas que tecem a literatura de Caio Fernando Abreu compõem uma verdadeira máquina de guerra. Na velocidade do movimento que reside toda a sua potência inventiva para criar outros possíveis. O movimento é o princípio motriz que rege seus personagens/nômade, impulsionados por encontros, afetos, forças vitais, intensidades. Tracejam um caminho fluído, deixando apenas rastros, pegadas fincadas

na areia, não para serem seguidas, elas são traçadas na intensidade dos instantes, dos segundos, até serem desfiguradas pelas forças do vento. O crucial não é o caminho percorrido, mas o abandono do território, o trânsito, o deslizamento. Somos convidados por Caio Fernando Abreu a nos tornarmos um estrangeiro em nosso próprio território, pois somente assim seremos capazes de criar nossos próprios modos de vida.

A máquina de guerra caiofernandeano opera assim, pelas bordas, criando aberturas dentro e fora do espaço ficcional, um pensamento nômade que cria saídas, linhas de fugas, pois a máquina de guerra literária é esse esforço de não se deixar capturar pelos regimes totalitários que visam à unidade, o agrupamento populacional, uma verdadeira “Torres de Babel” – um único povo e uma única língua. No abandonar do território, no ser um viajante, reside a potência da literatura caiofernandeano como máquina de guerra.

De caminhos fluídos, da gagueira na língua e na fala fragmentada, de um ainda povo por vir, do não-dito e das imprecisões, de resíduos e das bordas emergem a máquina literária de Caio Fernando Abreu. Uma máquina de múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída, uma máquina que busca a experimentação de si, ainda que seja no outro. O funcionamento dessa máquina é sempre um corte, um fluxo. Uma paixão pelas palavras, mas que há também um desejo de esvaziá-las das suas significações, processando toda uma lógica do sentido em sua máquina de guerra literária. A literatura de Caio Fernando Abreu é assim, um encontro alegre, sem deixar de ser desconfortável, um encontro que movimenta o pensamento, arrasta o leitor para o deserto, caminhar pelas dunas, pela areia, sem limites marcados

pelo horizonte, um ponto de partida ou uma linha de chegada. Sem mais, restamos o convite à leitura desta inspiradora máquina literária. Ler, experimentar, criar, resistir... Este é o caloroso convite de Caio Fernando Abreu. Declaremos, pois, grito de guerra a todas as verdades acabadas, as unidades, ao sedentarismo, ao Aparelho de Estado, criando linhas de fuga nômade. Eis o desafio desta escrita.

Referências

ABREU, Caio Fernando Abreu. *Morangos mofados*. Nova Fronteira, 2015.

BARBIERI, Maria Benedita. *A desterritorialização em "Os passos perdidos" de Alejo Carpentier*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo.

BRITO, Maria dos Remédios. Escrita como abertura vital: por entre linhas Deleuzianas. *Alegria*. Campinas, n. 13, p.01-14, 2014.

_____. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. Arte: máquina de guerra. *terr@. verve*, revista semestral autogestionária do Nu-Sol, n. 11, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34, 2013.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Ediciones Era, 1997.

FERREIRA, Jean Pierre Gomes. Máquina de guerra e aparelho de Estado: A geo-filosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs. *Kalagatos: Revista de Filosofia*, v. 11, n. 21, p. 353-371, 2014.

FORSTER, Gabrielle. A Desterritorialização do "eu" em contos de Caio Fernando Abreu. *Revista de Letras*, p. 91-108, 2011.

_____. *Devir-revolucionário nos escritos de Caio Fernando Abreu e de Reinaldo Arenas: traçados de um encontro (por vir)*. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria.

MARQUES, Davina. Literatura como máquina de guerra. *Letras*, n. 38, p. 23-32, 2009.

ONETO, Paulo Dominec. A Nomadologia de Deleuze-Guattari. Lugar Comum (UFRJ), v. 1, p. 147-161, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *Política de Literatura*. Livros de Zorzal, 2007.

ZORDAN, Paola. Máquina de Guerra em dez aforismos. *Carbono: natureza, ciência e arte*, v. 6, p. 1-10, 2014.

Recebido: 22 de julho de 2018

Aceito: 27 de agosto de 2018

DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA

Possui graduação em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. Atuou como bolsista no programa de iniciação a docência PIBID (2012-2014). Foi bolsista do projeto de extensão EDUCABIO (2014-2015). Têm experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia da Diferença e Educação, estudos de gênero; sexualidade e educação; mídia e educação; produção da subjetividade; subjetividade e imaginário (Literatura e Cinema). É membro do grupo de estudos em Cultura, Subjetividade e Educação em Ciências, cadastrado no CNPq e do grupo TRANSITAR da mesma instituição. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará e bolsista do CNPq.
<dhemerson-santos@hotmail.com>

MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO

Possui graduação em Pedagogia e em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialização em Educação e Problemas Regionais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestrado e doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professora associada da Universidade Federal do Pará, no Instituto de Educação Matemática e Científica, atuando na graduação e pós-graduação do mesmo Instituto.
<mrbrito@gmail.com>